



A MALDIÇÃO DE SOMBRA E GELO

Da autora best-seller do *USA Today*

CATHARINA MAURA



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A MALDIÇÃO DE SOMBRA E GELO

CATHARINA MAURA

Tradução
Fernanda Castro



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO: VENDA PROIBIDA.

Copyright © Catharina Maura, 2025

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Copyright da tradução © Fernanda Castro, 2025

Publicado pela primeira vez por Forever, um selo de Grand Central Publishing, membro do Hachette Book Group.

Direitos de tradução por Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Título original: *A Curse of Shadows and Ice*

Preparação: Fernanda Marão

Revisão: Tamiris Sene e Wélida Muniz

Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini

Capa: Catharina Maura e Daniela Medina

Imagem de capa: Deposit Photos

Adaptação de capa: Sandra Fava

Imagens de miolo: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maura, Catharina

A maldição de sombra e gelo / Catharina Maura ; tradução de Fernanda Castro. -

São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

320 p.

ISBN 978-85-422-3838-9

Título original: *A Curse of Shadows and Ice*

1. Ficção holandesa I. Título II. Castro, Fernanda

25-3905

CDD 839.313

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção holandesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo-SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Felix

Se eu pudesse acabar com minha vida, eu o faria. Não há armas que eu não tenha experimentado ou venenos que ainda não tenha consumido. Meu corpo sempre se regenera. A maldição se recusa a me deixar fugir de suas garras. Não há escapatória, nem para mim nem para o meu povo.

O desespero corta fundo em minha alma conforme me aproximo do espelho alto escondido nas entranhas da ala leste, e os ventos gelados chicoteiam a pele enquanto meus passos ecoam ameaçadores no palácio iluminado pela lua. Magia das sombras se agarra ao espelho de prata manchada, tentáculos tênues de fumaça preta espiralando em torno da moldura, ameaçando derrubar os pingentes de gelo que se formaram ao redor dos delicados ornamentos florais de ouro que disfarçam o que vive lá dentro.

Quando encaro o espelho, não é meu reflexo que vejo. Sinto a mordida da amargura ao contemplar os olhos brancos e leitosos da vidente que o habita.

— Mostre a garota.

Pythia sorri com uma expressão assustadora e agourenta enquanto desaparece lentamente de vista, sua imagem sendo substituída pela de uma jovem sentada no canto de um quarto escuro, com um livro nas

mãos e algo semelhante à melancolia estampado no rosto. Cabelos longos e escuros caem até sua cintura e, mesmo sob a iluminação fraca, seus olhos castanho-claros brilham de esperança. Sempre que a vejo, ela está com a mesma expressão. *Esperança*. Algo raramente testemunhado em Eldiria.

A garota sorri para si mesma enquanto vira a página, e meu coração afunda. Ela não sabe que não realizará nenhum de seus sonhos. Arabella de Althea ainda não faz ideia de que uma tristeza maior do que qualquer outra que já enfrentou está para se abater sobre ela. Afinal, seu destino está entrelaçado ao meu.

— Tem certeza de que é ela?

A imagem fica borrada outra vez. Pythia aparece, os olhos esbranquiçados me mantendo preso no lugar.

— Somente ela pode quebrar a maldição — confirma a vidente. — Arabella de Althea está fadada a se tornar sua imperatriz.

Meu olhar percorre o rosto pálido da mulher, a dúvida cria raízes no fundo do meu peito. Videntes são conhecidas por gostarem de enganar as pessoas, mas passei a acreditar que Pythia talvez seja diferente. As décadas de tormento a desgastaram tanto quanto a mim. Ela está tão conectada à maldição quanto eu. Até que seja quebrada, a vidente está presa na dimensão do espelho — o mesmo para o qual estou olhando.

— Ela é tão jovem — murmuro, a mente voltando para Arabella. — Parece fraca.

Os contornos dos lábios vermelho-escuros de Pythia se curvam no fantasma de um sorriso.

— Ela tem vinte e três anos, Excelência. Está longe de ser uma criança.

Não consigo entender como Arabella de Althea pode nos libertar, mas, se houver a mínima chance, devo uma tentativa ao meu povo. Talvez eu devesse repensar os planos traçados desde que descobri a existência da garota, três meses atrás. Podia mandar que a capturassem e a trouxessem para mim antes do amanhecer. Se ela fosse qualquer outra pessoa, era exatamente isso que eu faria.

— Ela precisa vir por escolha própria — relembra Pythia, a voz afiada.

Surpreso, ergo uma sobancelha, me perguntando de imediato se a vidente leu minha expressão ou meus pensamentos. Pelas Fúrias, eu não me surpreenderia se fosse a segunda opção.

Concordo com a cabeça e dou um passo para trás, resistindo à vontade de interrogar a vidente mais a fundo. Essa é a primeira vez que ela me dá alguma esperança quanto à maldição ser quebrada. É uma pena que isso vá custar o futuro de Arabella.

Arabella de Althea.

Minha futura esposa.

Um vislumbre de esperança em um mundo escuro e sem cor. Ela vai nos salvar, e isso lhe custará tudo.

Caminho com o coração pesado em direção ao átrio do palácio, as paredes forradas por rosas vermelho-sangue, as flores favoritas de minha mãe. A mera visão das rosas quase me faz cair de joelhos, a vergonha e o arrependimento se alternam em minhas veias escuras. Não consigo deixar de me perguntar se o espírito de minha mãe está me observando lá de cima. Se for o caso, ela sem dúvida aprecia minha desgraça. Sua maldição se desenrolou exatamente como ela queria.

— Então você vai mesmo fazer isso?

Ergo os olhos e vejo Elaine ao meu lado, seus dedos acariciando com gentileza as pétalas congeladas de uma rosa, o semblante cheio de saudade.

— Não tenho escolha.

Ela vira o rosto, mas, por um momento, tenho certeza de que há uma pitada de angústia em sua expressão.

— Sempre existe uma escolha — declara ela, a voz suave, ainda que firme. — A garota não vai gostar de você se fizer isso com ela. O amor não floresce sob ameaças.

— *Amor* — zombo.

Um mito comum entre os que conhecem a profecia de Pythia: eles acreditam que o amor verdadeiro quebrará a maldição.

Uma união de verdade entre o imperador e a mulher destinada a empunhar o que há por dentro vai libertá-los.

Elaine está convencida de que *uma união de verdade* significa *amor verdadeiro*, mas devia estar mais preocupada com a parte de *empunhar*

o que há por dentro. Todos sabem que a magia só pode ser extraída e controlada do éter, nunca *de dentro*, de modo que não é uma feiticeira que estamos procurando, nem uma alquimista. Se Arabella de Althea for mesmo a mulher da profecia, então o que ela *empunha*? Eu a observo faz meses, e até o momento não vi ninguém mais fraco do que aquela garota.

— Sim. *Amor* — repete Elaine, o tom firme e inflexível.

Suspiro ao levantar o rosto para encará-la. Nunca entendi como Elaine se apegava à esperança apesar de tudo o que a maldição tirou dela, de *nós*. Não há nada que eu não esteja disposto a tentar, mas amor não é a resposta para a maldição que nos atormenta.

Forço um sorriso para ela e acaricio sua bochecha com um toque gentil. Elaine é a única que não foge da aberração que me tornei, a única que olha para mim e enxerga mais do que apenas um monstro. Minhas veias escurecidas, horríveis e venenosas não a perturbam. Elaine devia me odiar por tudo o que custei a ela, mas nunca me culpou pelas consequências da maldição. E jamais perdeu a esperança.

— Se ao menos isso fosse verdade. Se eu tivesse escolha, teria me matado e libertado os que foram amaldiçoados comigo.

Não escolheria *me casar*.

Eu era jovem demais para compreender as palavras de minha mãe, mas as ouvi sendo repetidas para mim durante toda a vida. Ela me amaldiçoou a viver nas sombras como ela sempre tinha feito, banhado em uma escuridão inescapável que envolveria todo o reino. Eu deveria testemunhar sua destruição, impotente, e viver na miséria de saber que jamais experimentaria um amor verdadeiro. Minha mãe me amaldiçoou a ter a mesma vida que ela levou.

Não tinha ideia do que isso significava até que as colinas verdes e ondulantes que eu conhecera na adolescência murcharam, assim como meu pai. Por volta dos meus quinze anos, o corpo dele se encheu de veias pretas e venenosas, uma doença desconhecida que o fez apodrecer e implorar por misericórdia para minha mãe todos os dias, até ficar tão debilitado e delirante que a única coisa que conseguia pronunciar era o nome dela. Pouco depois, o sol de pôs e nunca mais nasceu. Na época

de seu falecimento, dias antes do meu vigésimo aniversário, todo o império havia sido coberto por uma geada traiçoeira, tornando o cultivo impossível. A floresta começou a se fechar sobre nós como se quisesse nos prender, tornando o comércio igualmente impossível, e nosso povo perecia em uma velocidade mais rápida do que eu conseguia entender.

Se ao menos essa tivesse sido a pior parte...

Graças à minha mãe, eu teria de apagar a chama de Arabella de Althea e arrastá-la para a escuridão comigo. Outro sacrifício em nossa batalha sem fim contra a maldição.

Mais uma vítima.

Eu só podia esperar que fosse a última.





Arabella

— **P**apai vai nos matar se pegar a gente — murmuro, a voz trêmula traindo minha ansiedade crescente.
Minha irmãzinha apenas leva o dedo indicador até os lábios, a diversão dançando em seus olhos.

— Se a gente tomar cuidado e ficar quietinha, papai nunca vai descobrir — promete Serena, segurando minha mão.

Meu coração bate forte enquanto ela me conduz rumo a um corredor há muito esquecido que leva até um conjunto de escadas que precisa urgentemente de reparos.

— Ninguém vem aqui — tranquiliza ela. — E vai nos dar uma vista perfeita. Você não quer descobrir se os rumores são verdadeiros?

Hesito antes de segui-la pelas longas escadas sinuosas, sem conseguir afastar o desconforto que senti o dia inteiro. Estou acostumada a me esgueirar por aí e, mesmo quando não é o caso, costumo ser ignorada, minha existência mal sendo percebida pelos criados do castelo ou por qualquer outra pessoa. É diferente com Serena, ela está quase sempre acompanhada por um guarda pessoal e pelas damas de companhia. Não vai demorar muito até perceberem que ela não está no quarto. E aí o que acontece? Serei punida por colocá-la em apuros, sem dúvida. Sempre sou culpada, mesmo quando não tenho nada a ver com suas travessuras.

A madeira range sob meu peso, e minha respiração fica presa.

— Estamos quase lá — diz Serena, espiando por cima do ombro.

Ela me puxa ao longo dos últimos passos até estarmos diante de uma pequena janela com vista para o pátio do castelo, o horizonte se estendendo por quilômetros de distância.

— Ali — sussurra ela, erguendo a mão trêmula para apontar o exército inconfundível que marcha em nossa direção, todos os soldados vestindo um tom anormal de preto. Eles parecem tão desumanos quanto as pessoas costumam dizer. — É ele mesmo.

— O Imperador Sombrio — murmuro, a voz tingida de medo.

Minha torcida era para que os rumores não passassem de mexericos.

— O que você acha que o Imperador Sombrio veio fazer aqui? Por que viria para cá, entre todas as opções? E sem avisar antes — cochicha Serena, a animação vai murchando em sua voz, deixando no lugar apenas o mesmo medo que corria em minhas veias.

Forço um sorriso para minha irmã caçula, incerta de como responder àquela pergunta com sinceridade sem com isso deixá-la em pânico. Como posso dizer a ela que não existe nenhuma razão positiva para ele vir até aqui?

O Imperador Sombrio é o homem mais poderoso que existe, o último alquimista em um mundo que proibiu massivamente toda forma de magia e alquimia após a praga que se espalhou pelo mundo cinco décadas atrás, matando centenas de milhares de pessoas, mas nem sequer um único ser mágico. Não demorou muito para que uma feiticeira, que distribuía poções para ajudar com os sintomas, fosse culpada pela doença, e depois outra, até que todas foram queimadas vivas pelo medo de que tivessem invocado a praga a fim de purgar o mundo dos menos poderosos que elas, ou então para lucrar com os desesperados o suficiente por uma cura.

Embora a praga tivesse acabado, elas continuavam sendo caçadas. Todos aprendiam que feiticeiras não apenas são dissimuladas, mas que a magia traz infortúnio para quem a usa e para qualquer um que esteja no entorno. É dito que a própria magia se voltou contra seus usuários, amaldiçoando-os como forma de retaliação por terem trazido à tona

uma praga que perturbou a ordem natural da vida. Quem possui magia é denunciado às autoridades e condenado a uma existência inteira de cativo, de onde não poderá fazer o mal.

Ao longo da última década, o Imperador Sombrio conquistou a maioria dos países que nos cercam, explorando recursos naturais e rotas de comércio sob o pretexto de criar refúgios mágicos seguros. Não é difícil adivinhar o que o trouxe até nós, mas não é uma tarefa fácil explicar tal coisa para minha irmã superprotegida, que não entende nada de política apesar de ser apenas três anos mais nova que eu. Por muitas vezes, desejei ter sua ingenuidade, mas hoje é um daqueles raros dias em que não sinto a menor inveja.

— Eu não ousaria adivinhar — digo para ela, sendo o mais verdadeira possível.

Serena se inclina na minha direção enquanto espiamos através da pequena janela da torre. Posso ver as bandeiras eldirianas tremulando a distância, uma delegação que se aproxima do nosso castelo a cada segundo.

Mesmo de longe, é fácil reconhecer o uniforme do Imperador Sombrio. Ele é exatamente como nos livros de história, com as roupas mais escuras do que nanquim exibindo bordados dourados que se movem pelo tecido, criando a insígnia eldiriana várias vezes por meio de mágica. Em certa ocasião, ouvi dizer que cada pedacinho dourado de seu uniforme é feito com ouro de verdade, moldado tão fino que pode ser usado como linha, e agora estou começando a acreditar nisso. Uma capa combinando balança ao vento, o capuz mantém seu rosto oculto. Não há uma única ilustração representando o rosto dele nos livros, e sempre me perguntei como tal coisa seria possível. Como ninguém nunca tinha visto e documentado seu rosto?

— O cavalo dele parece... *demoníaco*.

Há medo na voz de Serena, e passo o braço em volta de seus ombros para tranquilizá-la.

— O nome do cavalo é Sirocco. Ninguém sabe quantos anos o Imperador Sombrio tem, e o mesmo vale para seu cavalo. Eles sempre são mencionados juntos, e ambos apareceram pela primeira vez nos livros

de história já faz mais de cem anos. Sirocco sempre foi descrito como anormalmente preto, com olhos pretos sem nenhuma parte branca. Achei que fosse exagero, mas parece que não.

Eu nunca tinha visto um cavalo como aquele. Algumas pessoas diziam que Sirocco viera direto do submundo, assim como o Imperador Sombrio.

— Eles chegaram — sussurra Serena, a voz trêmula, a confiança que a trouxe até ali totalmente esgotada.

Ela segura minha mão, e entrelaça nossos dedos, apertando com força. Se algo der errado, vou levar minha irmã para bem longe daqui.

Ficamos olhando enquanto meu pai e os membros da corte se adiantam para dar as boas-vindas à delegação de Eldiria. Mesmo daqui de cima, consigo perceber que estão todos tensos. Mas como poderiam não estar ao receber um homem tão antinatural quanto o Imperador Sombrio? Por toda a minha vida, ouvi dizer que ele é um monstro, uma criatura surgida das fendas mais profundas do submundo. Não consigo evitar me perguntar se isso é verdade.

Meu coração dispara ao ver Nathaniel parado atrás do meu pai. Minha preocupação profunda por ele erradica todo indício de frio na barriga quando os soldados do Imperador Sombrio param e começam a desmontar.

— Venha comigo — sussurra Serena, enquanto vejo Nathaniel sumir de vista junto dos membros da corte.

Nos últimos tempos, ele começou a seguir os passos do pai, se preparando para assumir o cargo de um dos conselheiros estratégicos do reino, então não deveria ser nenhuma surpresa vê-lo ali. Mesmo assim, não consigo me livrar da sensação incômoda de que teria sido melhor para Nathaniel permanecer longe da vista do Imperador.

— Eles entraram no castelo mais rápido do que pensei. Eu esperava conseguir ver mais coisas daqui de cima — comenta Serena.

Eu hesito, mas ela me puxa antes que eu possa protestar.

— Podemos tentar passar pelas cozinhas — continua ela. — Os corredores dão para a maioria dos cômodos, até a sala do trono. É para lá que papai provavelmente os levará, certo?

A criadagem se sobressalta quando entramos, toda indignação dirigida principalmente para minha irmã. Eles estão acostumados a me ver ali, mas nunca a ela. Sou invisível neste castelo, apesar de ser uma princesa, mas Serena não é. Sou aquela que as pessoas temem e chamam de amaldiçoada, enquanto ela é a menina de ouro. Quase literalmente, com o longo cabelo dourado. Ela é luz onde sou escuridão, é uma dádiva quando carrego infortúnio em meu rastro, é uma bênção enquanto, sem dúvidas, sou uma maldição para o reino. Se eu não a amasse tanto, poderia odiá-la por isso.

Com cuidado, abro uma fresta da porta da cozinha, apenas o suficiente para enxergar sem chamar atenção. Para minha surpresa, nosso pai não está sentado no trono. Nunca o vi receber convidados como está fazendo agora, usando uma mesa longa, sentado ao lado de todos os outros, e suspeito de que seja porque ele sabe que é impotente contra o Imperador Sombrio. Ele nem ao menos está tentando afirmar a própria autoridade como costuma fazer, e seu orgulho e arrogância habituais estão notavelmente ausentes. Assim como Nathaniel, para meu alívio.

— Quem é aquela mulher? — cochicha Serena.

Olho para as pessoas na mesa, meu foco indo parar no Imperador Sombrio. O capuz ainda cobre seu rosto por completo, e mesmo suas mãos estão ocultas por um par de luvas de couro preto. Parte alguma dele é visível, o que só aumenta minha curiosidade. Ele é mesmo tão hediondo quanto dizem os livros? Poderia mesmo ser um monstro do submundo?

Preciso me esforçar para desviar os olhos dele — é como se a atmosfera zumbisse ao redor do homem, e meu foco permanece fixo, como se eu não tivesse escolha a não ser oferecer para ele minha atenção irrestrita. Sinto o peito apertar, e uma ânsia esquisita me invade enquanto respiro fundo. Mordo o lábio com força e me obrigo a virar o rosto, meus olhos pousam na mulher sentada ao lado dele.

— Aquela é Elaine — sussurro, examinando o cabelo preto de azeviche e os penetrantes olhos violeta. Ela não parece ser muito mais velha do que eu, mas leio sobre suas conquistas desde os meus doze anos. — Ela é a conselheira de confiança do Imperador. Comanda o exército na ausência dele, e é a única mulher no planeta a ter uma patente tão alta.

É difícil afastar o deslumbramento da voz. Em um mundo onde as mulheres não têm direitos, Elaine desafia todas as probabilidades.

— Ela é linda — arqueja Serena.

Solto o ar pelo nariz. Elaine é tão mais do que apenas beleza. Se o que está nos livros for verdade, ela é uma estrategista brilhante e uma feiticeira poderosa. Li que ela enfrentou cinquenta homens que invadiram seu acampamento e matou todos eles. Ela nunca deixa testemunhas.

Sem nem perceber, meu olhar é atraído outra vez para o Imperador Sombrio. Theon Felix Osiris é seu nome, mas ninguém nunca se refere a ele dessa forma. Me pergunto se alguém faz isso pessoalmente. Não posso ver seu rosto, mas consigo sentir a energia ao seu redor. Nunca senti um poder como esse. Até o ponto que acompanhei, ele não disse uma palavra, mas está claro que ele é o homem mais poderoso naquela sala.

Tomo um susto quando o Imperador vira a cabeça em minha direção e, por um momento, juro que posso sentir seu olhar sobre mim. Dura apenas um instante, mas uma sensação repentina de perda toma conta do meu corpo quando ele desvia a atenção.

— Arabella!

Serena agarra meu braço com a mão firme, e me viro para olhá-la, confusa, antes de perceber que uma parte da porta de madeira está pegando fogo.

Arquejando, tento usar o vestido para apagar as chamas, mas isso só piora as coisas.

— *Amaldiçoada* — diz uma das trabalhadoras da cozinha, murmurando baixo enquanto corre em nossa direção para tentar apagar o fogo com um balde d'água.

O choque me atinge conforme tropeço para trás, meus olhos vagando pela desordem em que se transformou a cozinha. Fica claro que o fogo se espalhou depressa e que, se a criada não estivesse ali para apagar as chamas, Serena e eu estaríamos em perigo.

— Não ligue para ela — fala Serena. — Vou me certificar de que você nunca mais a veja. Ande. Vamos voltar para nossos aposentos antes que papai descubra.

Acordando do torpor, permito que minha irmãzinha me leve embora.

— Ela tem razão — sussurro assim que viramos no corredor, sentindo meu coração pesar. — Sou amaldiçoada. O infortúnio me segue por onde eu for. Serei a ruína de todos nós.

Serena nega com a cabeça, mas acho que no fundo ela sabe que é verdade. Sabe tão bem quanto eu.





Arabella

Meus passos ecoam no corredor vazio e, embora eu mantenha o queixo erguido, estou tremendo enquanto caminho em direção à sala do trono. Nunca é bom sinal quando meu pai me chama até ali. Se ele descobriu que mais uma vez eu estava por perto quando um incidente aconteceu no castelo, as consequências serão terríveis, principalmente porque Serena estava comigo desta vez. Ela poderia ter se machucado.

Sou tomada pela náusea, minha respiração fica mais rápida conforme me aproximo das portas largas de madeira. O fato de não haver guardas para me receber me deixa ainda mais nervosa. Respiro fundo e empurro as portas com as mãos trêmulas, surpresa ao encontrar meu pai sentado no mesmo assento que ocupava naquela tarde, em vez de no trono. Ele ergue a cabeça para me olhar, e interrompo meus passos. Nunca o vi me encarando desse jeito, como se realmente me enxergasse.

Sempre fui a filha que ele despreza, aquela que ele gostaria que jamais tivesse nascido. Meu pai me confirmou isso em mais de uma ocasião. Tudo o que sou para ele é uma lembrança constante de minha mãe, a feiticeira que ele alega tê-lo enfeitado. Meu pai ordenou que o nome dela fosse apagado de nossos registros, mas ele não tem conhecimento dos arquivos mantidos escondidos em uma torre esquecida.

Se os documentos dizem a verdade, então ele se apaixonou por ela à primeira vista, e os dois se casaram em cerca de um ano. Cada retrato escondido e cada registro que resiste sobre eles indica que foram felizes, até a noite em que nasci, seis semanas antes do previsto. Minha mãe usou sua magia de cura para garantir que eu sobrevivesse, e pagou com a própria vida pela minha.

Papai mandou executá-la, certo de que ela havia enfeitado não apenas a ele, mas também à corte. Ele temia que minha mãe o tivesse sob controle, que seu objetivo principal fosse obter poder a fim de ajudar os iguais a ela: seres mágicos buscando refúgio. Meu pai estava convencido de que minha mãe financiava uma rebelião com o dinheiro dele, e os ataques mágicos que aconteceram pelo reino após a morte dela apenas alimentaram tais crenças.

Para papai, não passo de uma criatura vergonhosa de sangue amaldiçoado, culpada pela doença e depois pela morte da minha madrastra. Ele não liga para o fato de que a segunda esposa morreu de insuficiência hepática, ou de que nunca fiquei sozinha com ela de modo a ter chance de prejudicá-la.

Talvez tudo fosse mais fácil caso eu tivesse a magia da minha mãe, mas não tenho. A única coisa com que nasci foi a propensão ao infortúnio, uma maldição, de que meu pai me lembra constantemente, recai sobre aqueles cuja linhagem é mágica. Sempre me ensinaram que a perseguição interminável que quase sempre termina em morte é um preço justo a se pagar pelo mal causado por quem veio antes de mim, especialmente porque nossa mera existência atrai doença e azar para nossos entes queridos. Mas como isso poderia ser possível? Não escolhi nascer assim e, ao contrário de muitas feiticeiras que foram queimadas no mundo todo, não tenho poder algum.

— Arabella — diz meu pai enquanto faço uma reverência, sua voz suave.

Meu coração dispara de nervoso ao olhá-lo. Ele parece aflito e cansado. *Frágil*. Meu pai nunca aparentava estar arrependido ou angustiado. De acordo com os arquivistas, ele estava impassível no dia em que executou minha mãe por possuir magia, e ainda sou assombrada pela

expressão de seu rosto quando fui retirada do lago em que quase me afoguei um ano atrás. Ele me olhou como se estivesse decepcionado por eu ter sobrevivido. Então por que naquele momento sua expressão estava tão perturbada?

— Sente-se — ordena ele, apontando para a cadeira à sua frente.

Obedeço, mal conseguindo conter os tremores. Cada fibra do meu ser está me dizendo para ficar apavorada, e minha intuição nunca me abandonou antes. Na maioria das noites, sou assombrada pela lembrança de cada punição que sofri por causa da minha maldição. Qual será a de hoje? Ele vai enfim obter êxito em quebrar meu espírito?

Papai respira fundo, como se estivesse se preparando. Nunca o vi parecer desnorteado, mas agora ele parece.

— O Imperador Sombrio pediu sua mão em casamento. — Eu o encaro, sem conseguir registrar as palavras direito. — Ele solicitou uma cerimônia rápida. Acontecerá amanhã.

Casamento? Não pode ser. Papai sabe. Ele *sabe* que Nathaniel está a apenas alguns dias de pedir minha mão. Serena tem me provocado o tempo todo sobre isso.

— Você cumprirá seu dever como princesa de Althea. Esta é a última vez que vamos tocar nesse assunto. Sua mão em casamento em troca de clemência para nosso reino.

Ergo o rosto, meus olhos se enchem de lágrimas.

— Pai... — sussurro, a voz embargada. — Não pode ser a mim que ele pediu. Não é possível que ele me queira.

Ao longo dos anos, o reino tirou tudo de mim. Minha mãe. Minha felicidade. Minha voz. Nathaniel é a única luz em um mundo que está afundando depressa para a escuridão. Nunca fiz questão de coisa alguma. Sempre cumpri meus deveres sem pedir nada em troca. Suportei as fofocas, os mexericos, a dor.

— É essa sua maldição — responde meu pai com desprezo. — Por que mais a atenção do Imperador Sombrio se voltaria ao nosso pequeno reino?

Fecho os olhos enquanto respiro fundo. Tenho plena consciência de que o reino ficará melhor sem mim. Sou o infortúnio em pessoa,

mas não consigo deixar de tentar alcançar a felicidade. E nunca estive tão perto.

— *Por favor...*

Minha voz falha, e sei que esse momento de fraqueza vai me custar qualquer chance de escapar do noivado. Meu pai sempre puniu a fraqueza em sua prole e em sua corte, e aquele seria o pior dos castigos.

Ele ergue a cabeça de maneira brusca, e me encolho de medo quando ele se levanta.

— Você *vai* se casar com ele — declara, os olhos cheios de malícia.
— E que as Fúrias me ajudem.

Baixo a cabeça, terror e desespero lutam pelo domínio, cada um alimentando minha angústia crescente. As palavras me escapam, mas não consigo deixar de me perguntar se meu pai está feliz por se livrar de mim. Sou uma pedra em seu sapato, uma relíquia da feiticeira que o enganou. A única coisa que me mantém viva é o fato de o sangue dele também correr em minhas veias.

Por um momento, imagino se Serena chegou a ser considerada para esse matrimônio, mas então abro um sorriso azedo. Nem mesmo o poder advindo de uma aliança como essa vale o sacrifício de entregar a filha amada a um monstro. Eles jamais pediriam isso a ela. Respiro fundo ao me levantar e fazer uma reverência para meu pai antes de ir embora, ciente de que mudar sua opinião é impossível.

Estou resignada enquanto caminho de volta para o quarto, meus passos ecoando pelo chão de pedra. Muita ingenuidade minha esperar gentileza e compreensão de um homem que sempre desejou que eu não existisse. Eu devia saber que chegaria o dia em que ele me ofereceria em sacrifício.

— Arabella.

Paro de andar ao ouvir a voz de Nathaniel, e meu coração se aperta de forma dolorosa. Não consigo olhar para ele. Não agora.

— É verdade?

Fecho os olhos quando ele põe a mão em meu ombro e me vira para si. Engulo em seco e encaro seus olhos castanho-dourados. A dor que vejo neles parte o que ainda resta do meu coração.

— É verdade — sussurro.

Nathaniel fica tenso e dá um passo para trás, deixando a mão cair. Sua expressão reflete todos os meus sentimentos. Choque. Descrença. Mágoa. Minha garganta arde com lágrimas não derramadas, mas faço o melhor possível para me segurar. Não posso desabar agora.

— Quando?

Abro a boca, mas as palavras não saem. É quase como se eu não conseguisse me forçar a reconhecer o fato, como se parte de mim esperasse que, ao não mencionar o assunto, o problema desapareceria. Se ao menos fosse assim tão simples...

— Amanhã — ouço dizer baixinho uma voz atrás de mim.

Eu me viro e vejo Serena de pé em um canto. Imediatamente, me afasto um passo de Nathaniel, sabendo que estamos próximos demais para manter o decoro.

— Serena — murmuro.

— Acabei de saber.

Ela se afasta da parede e dá um passo em nossa direção, os olhos cheios das mesmas emoções que acabei de encontrar nos olhos de Nathaniel. Por mais estranho que pareça, me traz um pequeno alívio saber que existem pessoas que sentirão minha falta, pessoas que lamentarão por mim.

— Você não precisa fazer isso — declara ela.

Sorrio para minha irmãzinha ingênua. Ela nunca precisou fazer nada que não quisesse, então não tem como entender.

— Está tudo bem, Serena — digo a ela, sabendo em meu coração que é verdade.

Se eu não fizer, Serena é a única outra princesa de Althea que o Imperador poderá levar. Eu jamais aceitaria ver minha irmã caçula se casando com um monstro, não quando posso tomar seu lugar. Eu faria qualquer coisa por Serena. Só queria que alguém fizesse o mesmo *por mim*. Nem que fosse uma *única* vez.

— Ela tem razão — comenta Nathaniel. — Você não precisa fazer isso.

Ele me encara com um brilho calculista nos olhos. Quando criança, aquela expressão sempre acabava em problemas, e não consigo segurar um sorriso.

— Você não pode me salvar — respondi para ele, sabendo que é verdade. — Não desta vez.

Nós dois vivíamos nos metendo em encrencas, e o casamento seria a maior de nossas aventuras. No entanto, nossa história acabaria antes mesmo de ter a chance de começar de verdade.

Nathaniel apruma os ombros e faz menção de falar, mas balanço a cabeça em negativa e me afasto. Não posso fazer isso hoje. Não posso cuidar de mais ninguém. Não posso proporcionar o consolo que ele procura, não quando eu mesma preciso tanto ser consolada.

